

## RESUMO / ABSTRACT

### **DOM QUIXOTE EM DARCY RIBEIRO: RISO E LOUCURA NOS *DIÁRIOS ÍNDIOS***

Este artigo propõe aproximar a escrita autobiográfica de Darcy Ribeiro da ficção novelesca do *Dom Quixote*. A aproximação proposta se opera através do estudo de algumas das estratégias narrativas presentes nos registros dos *Diários Índios*, bem como pela recorrência das noções de riso e loucura nessa obra. Assim, busca-se destacar a proximidade entre autobiografia e ficção, e sugerir uma relação entre as representações do pensamento utópico em Darcy Ribeiro e Cervantes.

**Palavras-chave:** autobiografia; ficção; riso; loucura; pensamento utópico.

### **DON QUIXOTE IN DARCY RIBEIRO: LAUGHTER AND MADNESS IN *DIÁRIOS ÍNDIOS***

This article propounds to correlate the autobiographical writings by Darcy Ribeiro with the fiction of *Don Quixote*. Such correlation is conducted by the study of some of the narrative strategies present in the records of *Diários Índios*, as well as the recurrence of notions of laughter and madness in this work. Thus, we seek to highlight the close relationship between autobiography and fiction, and suggest a relationship between the utopian thought portrayal both in Darcy Ribeiro and Cervantes.

**Keywords:** autobiography; fiction; laughter; madness; utopian thought.



## ***DOM QUIXOTE EM DARCY RIBEIRO: RISO E LOUCURA NOS DIÁRIOS ÍNDIOS***

*Erivelto da Rocha Carvalho*

Professor Doutor de Literatura Espanhola e Hispano-Americana no Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília (UnB), Brasília-DF  
eriveltocarvalho@hotmail.com

Este artigo busca homenagear a obra de Darcy Ribeiro (1922-1997) a partir do comentário de algumas passagens dos seus *Diários Índios* (1996), mais exatamente daqueles trechos em que seu diário remete às noções de riso e de loucura.

Nesses trechos específicos, o gênio do autor mineiro irá aproximar-se do *Dom Quixote* de Cervantes. Em um primeiro momento, tomando-o como tema. Em um segundo, tomando como referência a questão da loucura, tema que aproxima a memória etnográfica de Darcy à fábula cervantina.

A obra de Darcy Ribeiro foi e continua sendo lida como um clássico do pensamento social brasileiro, o que o levou a ser eleito membro da Academia Brasileira de Letras e a obter um amplo reconhecimento internacional como intérprete da cultura brasileira.

Entretanto, sua obra é menos estudada desde a perspectiva dos estudos literários. Autor de quatro romances, Darcy Ribeiro escreveu diversos livros de ensaios antropológicos e etnológicos, bem como uma obra de literatura infantil, além de um livro de poesias publicado postumamente. *Maira* (1976) foi o romance que recebeu maior atenção por parte da crítica, e grande parte de suas obras foram traduzidas em diversos idiomas.

O exercício que aqui se propõe é o de leitura das passagens dos *Diários Índios* à luz dos dois tópicos cervantinos mencionados: o riso e a loucura. O percurso realizado neste ensaio visa analisar algumas

das estratégias narrativas no que se refere à abordagem desses dois temas, com ênfase especial em alguns trechos referentes à segunda parte dos seus registros de viagem, momento em que essas noções aparecem de forma mais destacada.

Dessa maneira, mesmo em se tratando de um diário de campo, o que se pretende é sublinhar o caráter inventivo da escrita de Darcy Ribeiro<sup>1</sup>, colocando em destaque o papel que exercem nela os desdobramentos da memória e o caráter utópico que permeia seu pensamento.

### **Do lugar onde estou já fui embora**

Uma das perguntas mais comuns nas enquetes literárias (ou supostamente literárias) sobre as opções dos leitores diante da literatura é aquela que diz: se você viajasse para uma ilha deserta, qual livro levaria?

Há mais de sessenta anos atrás, Darcy Ribeiro partiu em busca dos kaapor, experiência registrada nos *Diários Índios*, seus diários de campo organizados e editados já ao final de sua vida.

Apesar de terem sido constituídos a partir de cadernos com os mais variados tipos de anotações, os mesmos são visualizados como um conjunto de cartas escritas para sua esposa Berta, em que se encontram registros que vão desde a anotação do sistema de parentesco da etnia estudada até a descrição da mitologia kaapor, passando pelas mais variadas histórias e acontecimentos que vão se sucedendo ao longo da viagem pelo interior do Brasil.

A relação contida nos *Diários Índios* é uma extensa obra dividida em duas partes, que correspondem às duas expedições feitas pelo antropólogo brasileiro no marco dos seus estudos sobre os kaapor, povo indígena presente em áreas remotas do Maranhão e do Pará no final dos anos 1940. A primeira expedição começa em novembro de 1949 e termina em abril de 1950, enquanto a segunda começa em agosto de 1951 e termina em novembro do mesmo ano.

O autor apresenta sua empresa no registro que abre seus cadernos:

20/nov./1949 – Berta, abro este diário com seu nome. Dia a dia escreverei o que me suceder, sentindo que falo com você. Ponha sua mão na minha mão e venha comigo. Vamos percorrer mil quilômetros de picadas pela floresta, visitando as aldeias índias que nos esperam, para conviver com eles, vê-los viver, aprender com eles. D.R. (RIBEIRO, 1996, p. 17).

---

<sup>1</sup> Entre a sua vasta produção no âmbito da antropologia e da etnologia, pode-se destacar a sua obra *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil* (1995). Além do já mencionado *Maíra*, seus romances são: *O Mulo* (1981), *Utopia selvagem* (1982) e *Migo* (1988). Outros textos diretamente relacionados com sua estadia entre os kaapor serão mencionados ao longo deste artigo. Para uma bibliografia completa, ver o site da Fundação Darcy Ribeiro: <http://www.fundar.org.br>

Na perspectiva da antropologia, os *Diários* são antes de tudo um amplo e detalhado relato etnográfico da situação dos kaapor, que interessavam especialmente a Darcy por sua filiação aos antigos tupinambás, foco dos primeiros relatos de viajantes sobre as civilizações indígenas do Brasil. Assim, os kaapor são chamados carinhosamente de “tupinambás tardios”, e entre os temas de interesse tratado nos diários está o da memória da antropofagia entre os kaapor.

Entretanto, ao longo da narração, o etnólogo vai abrindo outras possibilidades de compreensão do seu diário. Em alguns momentos ele se refere aos seus escritos como um “diário-carta” ou “carta-diário”, haja vista que sua intenção é também fazer um registro pessoal de sua vivência entre os índios.

Já no início da segunda expedição, numa anotação feita em 6 de agosto de 1951, em Pindaré, o antropólogo interrompe o relato dos seus afazeres diários:

Mas isso não é, evidentemente, assunto para carta-diário, você não acha? De qualquer modo fico devendo a conversa. Deixei o diário para dar uma volta por uma lagoa próxima, tomar banho, delícia de cada dia, jantar cutia assada e guisada, jogar a partida de todas as noites e voltar à pena, para escrever sobre nada.

A passagem tem ecos flaubertianos<sup>2</sup>. Darcy Ribeiro refere-se aqui ao período inicial de espera a princípios de agosto de 1951, em que ficava escutando e contando histórias entre os caboclos presentes no posto do SPI, a maioria deles funcionários do posto ou contratados para a expedição.

Não tendo ainda as condições necessárias para viajar, ele espera ansiosamente o momento de partir pela segunda vez para as aldeias indígenas, e esse é um dos poucos instantes nos diários em que o tédio se apossa do narrador, cuja vocação para homem de ação transparece em todo texto.

Vale a pena destacar aqui uma nota em que o antropólogo define a natureza do seu diário, pois esse registro enquadra os parâmetros discursivos dos seus escritos sobre os kaapor:

13/set./51 – Berta, mando hoje a você o primeiro diário desta segunda expedição. Ele fará uma longa viagem até chegar às suas mãos. A mesma que farei, daqui a dois meses, para junto de você.

Continuarei, aqui, aquelas conversas escritas em que, como nas faladas, quase só eu falo. Você escuta, com essa paciência e esse amor, que só posso retribuir com a paixão do meu amor impaciente e com todo afeto que tenho por você, querida, e que só encontra expressão nessas páginas, até nosso reencontro. Darcy (RI-BEIRO, 1996, p. 422).

<sup>2</sup> No prólogo do seu *Livro sobre Nada* (1997), Manoel de Barros cita uma carta de Flaubert em que este menciona o desejo de escrever uma obra que fosse exatamente um “livro sobre nada”. A epígrafe desta seção é o último verso do poema de mesmo nome, de autoria do poeta mato-grossense.

O caráter de “conversas escritas” que suas notas reclamam chama a atenção, pois ele destaca um elemento até certo ponto comum em textos autobiográficos, que é o da amplificação da voz narrativa ou da consciência do autor diante do ato da escritura. No caso de Darcy Ribeiro, essa preocupação com o destinatário dos mesmos é marcante, e tem reflexos na maneira como o etnólogo constrói o relato presente nos diários.

Entretanto, o que se reivindica nos *Diários Índios* não é só o uso da linguagem com fins estritamente científicos ou documentais. Essa palavra, que se quer ao mesmo tempo escrita e falada, inscreve o relato das duas expedições numa trama vivencial que inclui temporalidades diversas, com distintas tonalidades adotadas de acordo com as circunstâncias e as necessidades de quem escreve.

No caso do discurso autobiográfico de Darcy Ribeiro, o que se vê é um desdobramento da memória através dessa voz “dupla” presente nos diários, que são estruturados ao mesmo tempo como um conjunto objetivo de registros ou diário de campo e como uma série de registros subjetivos do viajante em movimento. Esse hibridismo da natureza dos *Diários Índios* chama a atenção para a natureza dialógica da palavra nos mesmos, ou para o diálogo que se abre aí entre suas observações etnológicas e o comentário pessoal sobre a experiência da viagem realizada.

Uma das características básicas da construção do discurso de Darcy é que sua narração parte, nesses momentos iniciais, dessa espécie de direcionamento dos enunciados do autor, que leva em conta a imagem da esposa distante. Depois, ao longo do percurso, o discurso assume um caráter mais autor-reflexivo, como se o autor estivesse escrevendo para si, mas sem perder totalmente a referência longínqua do Rio de Janeiro e de sua casa.

A amplificação da voz narrativa nos diários se deixará notar a partir da multiplicação dos pontos de vista do autor, em observações ocasionadas por distintos estados de ânimo, que vão do mais completo pessimismo diante da visão do processo de aculturação e dizimação das sociedades indígenas à esperança de que a ação do antropólogo possa resultar em dias melhores para os grupos sociais pesquisados.

Nesse sentido, certo idealismo quixotesco reverbera na escrita dos *Diários Índios*, que é marcado especialmente por essa “duplicação” da voz do viajante, que diante da imagem guardada da sua companheira sonha com a melhora das condições de vida dos kaapor.

### **Do Quixote como máquina de rir**

Também no início da segunda expedição, Darcy Ribeiro comenta, dirigindo-se à esposa (que se constitui nos diários como Tu do Eu do etnólogo), a sua ideia de planos de obras que ele poderia escrever sobre os kaapor.

A primeira obra ou parte de um livro se chamaria “O pobre Vale do Ouro” e diria respeito às condições miseráveis de vida dos ribeirinhos no rio Gurupi, e as ilusões dos mesmos com histórias do pote de ouro encantado que ele ouvia os interioranos e os membros da expedição mencionarem, tal como fazia Chico Ourives, funcionário retratado pelo antropólogo como um “Quixote de Cor”.

A segunda parte dessa obra ou esse segundo livro ele descreve no mesmo trecho do diário, também no início da expedição, ainda esperando em Pindaré em agosto de 1951:

Vamos ao nome, como aconteceu com a primeira parte, sim? Poderia ser “O pobre ouro do vale”. Mas qual seria o ouro, meu Deus? Vamos encontrar minas que não procuramos? Ou, quem sabe, outro valor maior que o do metal tão caluniado? Sim, o ouro da paz social, dos últimos dias felizes de um povo condenado. A descrição idílica da vida dos meus índios, ao gosto dos românticos antigos (RIBEIRO, 1996, p. 318).

Há uma oscilação que se repete durante os *Diários Índios*, e que repercute nitidamente na maneira como o discurso autobiográfico vai se construindo nesse relato. Darcy Ribeiro vive o dilema de trabalhar para o SPI e ao mesmo tempo sente-se, como ele mesmo afirma, como uma espécie de “consciência” dos índios diante do Estado e da sociedade brasileira.

Essa ambivalência faz com que seu discurso vá do fatalismo mais exacerbado (e ao mesmo tempo realista) até um desejo de crer numa espécie de Idade de Ouro possível, ainda que agônica, que ele busca registrar, mas sem interferir e sem procurar anulá-la. Seus comentários sobre os cuidados dos índios com a beleza não utilitária de seu artesanato e com a perfeição em suas práticas sociais cotidianas compõem essa paisagem ideal que o antropólogo busca compreender em sua complexidade, e que se resume no que ele chama de “vontade de beleza” do povo kaapor diante de seus hábitos e criações culturais, elemento que diferenciaria a cultura kaapor da cultura ocidental.

O projeto implícito na viagem de Darcy se inscreve sob a ótica de uma retórica que se autodenomina romântica, mas que se apresenta como projeção de um eu que na conjuntura de sua época não busca um ideal de pureza. O viajante faz a apologia da mestiçagem como possibilidade de afirmação da identidade brasileira. São inúmeras passagens nos diários em que ele defende a mestiçagem como caminho possível para convivência com os índios e como novo modelo civilizacional factível, ainda que utópico, aberto à sociedade brasileira.

A oscilação entre o pessimismo-utopismo de Darcy repercute nos desdobramentos da sua memória, nos dilemas de uma subjetividade representada ante a imagem da amada. Essa oscilação se amplifica ao longo de suas “conversas faladas” em direção a outros paradoxos vividos no meio da mata.

Sua escrita vivifica as tensões entre a objetividade científica e seu sentimentalismo romântico, e entre os aspectos cômicos e trágicos de sua narração.

É curioso constatar como, principalmente no último tramo da segunda expedição, essas tensões se tornam mais evidentes no seu texto. Seu tempo de permanência entre os kaapor começa a se esgotar, a concreção de seus planos de viagem é cada vez mais premente e as saudades de casa e de sua mulher se aguçam mais e mais.

Ainda assim, há momentos de distração em meio aos problemas e afazeres. Há momentos inclusive para o riso. Isso ocorre justamente na passagem em que ele descreve sua reação quando recebe um exemplar do *Dom Quixote* de Cervantes. Trata-se de uma passagem escrita na aldeia de Takuá, em setembro de 1951, quando a expedição já está em plena marcha:

Minha gripe melhorou um pouco, não tanto quanto desejaria, mas já não me sinto cansado e abatido como ontem. O acontecimento extraordinário foi a chegada do que será, talvez, a última carga da expedição. Um índio trouxe do Caniné um jamaxim cheio de coisas. Fiz abrir, emocionado. Eram meus brindes que chegaram. Brindes para mim tão desejados: papel higiênico, sabão, sal, talvez café, fumo. Qual o quê! Só vieram brindes para os índios: facas, tesouras, panos, cordas. Nada para mim. Só, lá no fundo, um volumezinho de *Dom Quixote*, que agarrei imediatamente e fui ler na rede. Li uma hora, gargalhando nas passagens de que gosto mais. Quando levantei, cansado, um índio deitou-se na minha rede, abriu o *Quixote* e se pôs a rir, gargalhando. Para ele, aquilo é uma máquina de rir (RIBEIRO, 1996, p. 474-475).

Não se tratando de uma ilha deserta, mas de uma viagem pelo meio da mata, em que o etnólogo se encontra e precisa conviver com os grupos sociais estudados, a passagem tem, além de sua graça particular, uma importante sugestão para uma interpretação dos *Diários Índios*.

Diante da técnica do homem branco, só resta ao índio mimetizar os seus comportamentos ante uma situação que para ele é incompreensível<sup>3</sup>. O trecho é interessante porque mostra a descoberta da antropologia brasileira pela “antropologia kaapor” (termo usado pelo próprio etnólogo), ou do homem brasileiro pelo homem kaapor, ou melhor, de como Darcy se vê nesse Outro tão extensamente glosado pela teoria antropológica.

A metáfora da máquina é sintomática neste contexto, porque ela se relaciona com a própria visão do etnólogo a respeito dos rumos que os contatos com as sociedades indígenas iam tomando em seu

<sup>3</sup> Um interessante ensaio sobre a técnica moderna tomada como mito, na perspectiva de uma antropologia filosófica, é o de Carlos París: *Fantasia y razón moderna. Don Quijote, Odiseo y Fausto*. Madri: Alianza, 2001. A crítica de París ao tecnicismo moderno o aproxima do pensamento de Darcy Ribeiro.

tempo. Ainda num trecho da primeira expedição, uma anotação de dezembro de 1949 propunha uma reflexão sobre esse tema. Como é possível ler:

O certo é que não sabemos nos aproximar de outros povos sem destruí-los. Nossa civilização ocidental, cristã e européia, tão destruidora e igualmente má por si própria, cria um tipo de sociedade que só tem podido viver e prosperar à custa de milhões de vidas escravizadas e anuladas. O preço de nosso adiantamento técnico e mercantil tem sido a dignidade do próprio homem; uma organização social que é uma máquina de criar párias. Isso é o que temos tido. Essa é a obra do homem branco (RIBEIRO, 1996, p. 98).

Usa-se aqui o plural, poucas vezes usado nos *Diários Índios*, ao mesmo tempo em que há uma referência ao “homem branco” em terceira pessoa. Ou seja, Darcy se vê como parte da máquina ao mesmo tempo que a rejeita, e seu projeto de uma antropologia brasileira representa justamente a ideia de fazer encaixar essa “máquina de criar párias”.

Nada é mais cômico para uma consciência que se desdobra a partir do registro e da inquisição da realidade a sua volta que se ver colocada em questão. Certamente, a escolha do Dom Quixote como companheiro de viagem diz muito a respeito da visão de mundo que reverbera nas notas do diário, e que se projeta através do registro da memória, numa busca que é entremeadada pelo contato com outros sujeitos e com outras subjetividades.

A construção da autoimagem do antropólogo na parte final do diário é marcada por essas referências à sua ação de amanuense, e contraposta à maneira aparentemente menos complicada como os kaapor enxergam a vida. Aparece, sim, nas notas, a construção idílica dos índios como inocentes, dentro de uma tradição que remonta à literatura romântica, mas aparece também o desconcerto do pesquisador ao sentir-se também pesquisado.

Quando chega à aldeia de Xapy, no princípio de outubro de 1951, Darcy Ribeiro volta a escrever sobre a sua situação de homem branco e escritor, o que complementa esse reverso da medalha representado em seu pensamento a partir do riso indígena diante da sua condição de etnólogo.

Nesse caso, ele representará ficcionalmente a possível opinião dos índios sobre sua pessoa:

Há vários dias vinha dizendo que me mudaria para cá e adiando sempre, para atender a várias coisas. Por isso tiveram tempo de adaptar a aldeia a mim, ou seja, ajeitar um lugar onde o escrevedor pudesse escrever a gosto. Pois que não sou, para estes meus índios, mais que o homem que escreve. Se alguém lhes perguntasse quem sou e a que vim, não duvidariam em responder:

– Papai-uhú o mandou olhar como a gente vive, anotar nossos nomes, nossos usos, provar nossas comidas a fim de lhe dizer tudo, depois, por escrito. Saberão eles, realmente, o que é a escrita? Isso seria meia alfabetização. Faça minha (RIBEIRO, 1996, p. 479).

Apesar do tom jocoso, o trecho se insere num momento da viagem em que as conotações do périplo do antropólogo tomam uma dimensão cada vez mais dramática e decisiva. Darcy está perto de colocar a limpo a história verdadeira do acontecido com o capitão Uirá, que se suicidou sem que o pessoal do posto do SPI conseguisse entendê-lo. Por outro lado, suas inquições sobre as práticas antropofágicas dos índios kaapor também estão prestes a chegar ao final, com o resultado que ele tanto esperava.

Ao mesmo tempo, vem cada vez mais à sua mente essa preocupação com a imagem que os índios faziam dele, acompanhada por uma consciência sensibilizada a respeito do poder da técnica do homem branco, chegando inclusive na passagem acima a conferir a si mesmo uma cômica dimensão taumaturga ou civilizadora. A máquina de rir vai desdobrando-se e fazendo surtir os seus efeitos em suas memórias.

Na passagem subsequente, ainda em Xapy, Cervantes aparece personificado num dos seus retratos, como é possível ler na segunda nota de outubro de 1951:

A casinha está cheia de gente; uma índia deitada na minha rede, enrolada em meu cobertor de lã, me chama a atenção a cada momento para pedir alguma coisa. Até seu retrato, que viram hoje em minhas mãos, já foi insistentemente pedido. Este caderno, então, parece ser das coisas mais cobiçadas, assim como o *Dom Quixote*. Este, depois que o capitão resolveu chamar a estampa de Cervantes que traz na capa de *iano* de Papai-uhú, sombra ou retrato do papai-grande. Ele está agora muito quieto, cochilando, enquanto a filha me cata piolhos e os mata nos dentes. Está engraçadíssimo com a minha sunga. Vestiu-a de manhã e não quis mais abandoná-la, pedindo que eu lha desse como parte do pagamento do capacete que me deu. Deve parecer encantadora, pois com ela se está vestido quase sem o incômodo de trazer calças (RIBEIRO, 1996, p. 483).

Essa inversão da realidade tem uma dimensão cômica evidente, sendo a sunga dada pelo etnólogo essa espécie de elmo de Mambrino que lhe faz ver o engraçado da situação. Entretanto, nem tudo é riso na situação em que Darcy se encontrava. O antropólogo sabe muito bem que é preciso agradar aos capitães e preocupa-se em ter uma boa relação com todos na aldeia, senão seu destino pode ser como o de Dom Quixote, que ao final de sua viagem se transforma em objeto de burlas no palácio dos duques.

Outro aspecto do trecho citado, o sério, é o que diz respeito à personificação do Pai-Grande, ou Papai-uhú, na imagem de Cervantes, o que o identifica com o Estado nacional brasileiro ou com um

ancestral com poderes sobrenaturais. Ao fazer essa ligação, fica subentendido que o temor relacionado a essa entidade é ligada pelo chefe dos índios ao poder da técnica do retrato, do livro e da escrita, e não necessariamente à figura do antropólogo como tal. Nesse jogo de deslocamentos dos vários sentidos da realidade, o capitão Xapy não identifica diretamente o Papai-grande com Darcy, e sim com o retrato de Cervantes.

É preciso destacar esse aspecto da aventura de Darcy na mata, pois ela permite compreender a relação que se estabelece em seu relato entre o cômico e o trágico, o que se deixa ver na construção da narração a partir dessa consciência que se desdobra e se reflete ao longo dos registros memoriais. A memória, nesse caso, é o espaço privilegiado dessa duplicação do *eu* do viajante, que se refaz a cada passo da sua viagem tendo em consideração a referência externa do *tu* da esposa amada, para além da catalogação objetiva da realidade.

Mas, como dito antes, o antropólogo não só descobre a realidade que descreve, senão que também é descoberta por ela. Não só observa, mas também é observado. No mesmo trecho em que fala da identificação do retrato de Cervantes com Papai-uhú, comenta-se a curiosidade indígena para com o visitante. Assim, pode-se ler, por exemplo:

O capitão me está perguntando, agora, quem fez o meu chapéu, se foi Papai-uhú. De tudo fazem essa pergunta, parecem concebê-lo como uma espécie de Maíra vivo, que fez todas as coisas que os *karaiwas* usam. (...) Quando saem do chapéu é para o livro impresso, querendo saber de que é feito, se eu lhes quero emprestar a caneta para nele escrever alguma coisa mais, ali naquele mar de letras? Como são cortadas tão bem as suas páginas, se ele é feito assim como está ou por partes? E não só perguntam, vão puxando a lona do chapéu para ver a armação e forçando o dorso do livro à procura da junção das páginas. E não fica nisso; tudo, tudo é motivo de igual exame, cheio de admiração e sobretudo de perigo para meus poucos pertences. (...) Seria um não mais acabar a enumeração de tudo que os espanta em tão poucas coisas que tenho. Em compensação, eu me pago bem, perguntando, com o mesmo rigor de pormenores, por cada coisa e me espantando de cada uso, de cada técnica, de cada hábito. Eles devem julgar-me, por isso, mais que um simples curioso, um inocente, um simples (RIBEIRO, 1996, p. 484).

Em linhas gerais, Papai-uhú possui os mesmos atributos que são de Maíra, o herói civilizador dos kaapor. A identificação anterior desse com o retrato de Cervantes ganha uma relevância especial no relato de Darcy Ribeiro, mas o importante a estas alturas é reiterar a importância do deslocamento operado na narração e no próprio olhar do viajante, que ao longo das suas notas vai ficando menos ensimesmado e passa a tomar-se como objeto da curiosidade alheia.

Se no marco inicial das suas notas autobiográficas o antropólogo as dirigia primordialmente à sua amada, com o passar dos dias e das caminhadas nas matas, bem como dos sucessos que aí vão transcorrendo, sua postura vai de autorreflexiva a irônica. Nesse sentido, a passagem do kaapor rindo diante do *Dom Quixote* resume bem a complexidade da experiência do antropólogo que é descoberto, e que passa a retratar-se como um simples diante daqueles a quem, à primeira vista, caberia melhor essa qualificação.

A ironia presente nas anotações no último tramo da viagem de Darcy pela mata é o elo que leva do riso cômico à loucura. Ou melhor, a um tipo de loucura que pode se aproximar à loucura quixotesca pelo viés que a narração assume.

### **Da loucura quixotesca nos *Diários Índios***

Além da aparição fulgurante do Dom Quixote nas páginas finais dos *Diários Índios*, outros pontos de contato podem ser arriscados numa possível comparação entre a fábula cervantina e os escritos autobiográficos de Darcy Ribeiro. Um deles é o que diz respeito ao papel da loucura na “carta-diário” do etnólogo. Assim como o protagonista de Cervantes busca um ideal inalcançável ou em vias de extinção, o antropólogo vai se apresentar aos kaapor como um representante de uma ancestralidade que os indígenas perderam na noite ou na aurora dos tempos.

Antes de examinar o trecho em que Darcy comete o que ele chama de “loucura”, vale a pena lembrar as passagens em que ele apresenta outro tipo de loucura que se distingue da cometida por ele quando procura retirar informações privilegiadas dos capitães kaapor. São aquelas passagens em que Darcy identifica o estado que na língua tupi é denominado de *iarõn*, um estado raivoso semelhante à loucura que na linguagem coloquial brasileira se conhece por ser a loucura da pessoa raivosa, a do doido “varrido” em que qualquer pessoa pode se transformar numa situação de contrariedade.

Na sociedade kaapor, tal como nos informa o etnólogo, alguém pode ficar *iarõn* diante de uma adversidade, como devido à morte de um parente, o que leva a pessoa a um aceso de ira que pode lhe mover à destruição e à vingança e inclusive a matar a qualquer um que apareça na sua frente. Darcy conta, em uma passagem relativa à primeira expedição, que ele decide ficar cara a cara com um *iarõn*, uma temeridade que ele mesmo qualifica de tola.

Como ele afirma:

Deixe-me confessar aqui que, doido que sou, quis ver um *iarõn* cara a cara. Aproximei-me, disfarçado, arrodando uma casa, supondo que ele estava no meio do terreiro. Mas ele estava ali perto e me olhou olho no olho, com seu arco armado, pronto para matar-me. Desejei até que o fizesse, tão arrependido estava de

desmoralizar um costume indígena de tamanha importância. Mas também essa regra tem exceções, deve valer para os próprios índios. O *iarõn* me olhou feio e se afastou dois passos, dando-me tempo para dar-lhe as costas e andar passo a passo muitos passos, esperando o coice das flechas dele nas minhas costas. A certa altura, já na volta da casa, tomei coragem e disparei correndo. Envergonhadíssimo. Eu nunca disse isso aos índios. O *iarõn* certamente também não. Assim que só você me lendo aqui, agora, sabe da besteira que fiz (RIBEIRO, 1996, p. 283).

Darcy também aplica essa categoria para ilustrar seu sentimento de impotência e raiva ante o pessoal do SPI, no Rio de Janeiro, quando afirma em determinado momento estar *iarõn* com os desmandados daqueles que prejudicam seu trabalho.

Convém fazer notar esse primeiro tipo de loucura, a loucura do “doido varrido”, porque ela se distingue da nobre loucura que embala Dom Quixote e a do Darcy que se apresenta aos chefes indígenas como um contemporâneo dos seus ancestrais. Aproveitando-se das informações dos antigos cronistas e dos seus informantes indígenas, o antropólogo inventa uma posição diante dos capitães kaapor que lhe possibilitará contrastar e confirmar as versões que tinha sobre o tema capital da antropofagia, peça fundamental para uma etnologia dos kaapor.

De acordo com ele, numa nota do início de outubro de 1951:

(...) Começamos pela conversa do pouso. Lá estávamos, todos deitados, já prontos para dormir, quando Mandueki resolveu acomodar-se também na minha rede para reexaminar meus cabelos e a pele fina de meus pés e mãos, que tanto lhes interessa. Num acesso de loucura, eu disse a ele então, que, como a de Maíra, minha pele descascava quando ficava muito velha, caía a pele velha e vinha uma nova e com ela uma nova juventude. Para que ele entendesse ainda melhor, lhe disse que conhecera Uruatã e Temikí-rãxin, os irmãos em que terminam as mais extensas genealogias daqui, os mais remotos ancestrais de que se lembram.

Por incrível que pareça, acreditaram na história. Vieram outros índios ouvi-la e, todos interessadíssimos, começaram a fazer perguntas, pedir notícias de seus ancestrais. Com o diário do ano passado em mãos, lendo o que Anakanpukú me ensinou, fui satisfazendo sua curiosidade e, ao mesmo tempo, confirmando minha eternidade.

É notável que até hoje, mesmo depois de termos dado a entender que eu brincava, eles continuam crendo na história ou, pelo menos, julgando-a muito verossímil. Assim que chegamos aqui, um dos nossos acompanhantes me fez repetir a balela diante de uma mulher. Imediatamente, ela se pôs a gritar, chamando as outras para verem o homem que descasca, que conheceu Uruatã e, sendo tão novo, é tão velho (RIBEIRO, 1996, p. 497-498).

A loucura de Dom Quixote representa em Cervantes o desajuste de seu ponto de vista, ilustrando o embate entre um ideal cavaleiresco e as razões do mundo como tal<sup>4</sup>. Já a “loucura” de Darcy se dá pelo lado oposto, trata-se da tentativa de romper com as barreiras entre subjetividades que se reconhecem a priori como distintas, a través do artifício da “mentirinha”, da artimanha que coloca o etnólogo em pé de igualdade com o Outro.

Apesar de distintas, ambas as estratégias buscam o mesmo, a restauração ou preservação dessa Idade de Ouro menosprezada pelo mundo da técnica moderna. No caso de Darcy Ribeiro, essa visão utópica do futuro possível, não só para os indígenas, mas também para a sociedade brasileira, o leva a transformar-se em um poderoso ancestral, tal como Maíra, pois para ele era essencial estar a par das histórias e dos saberes da sociedade kaapor para lograr completar a sua missão como antropólogo.

Algumas de suas últimas notas serão destinadas a registrar a história de um chefe indígena que abandona a sua aldeia, a do capitão Uirá. Tal atitude havia sido mal compreendida pelos brancos, que nas suas versões da história apresentam o chefe como um suicida comum ou um louco mais, um louco “normal” para o pensamento da sociedade dita civilizada.

Darcy, por sua vez, ao valer-se de seus informantes indígenas mostra Uirá como um *iarõn* que parte em busca de Tupã diante da morte prematura de um filho. A plumária escolhida<sup>5</sup>, seu desespero e as informações que Darcy recolhe sobre esse chefe permitem afirmar que ele partira em busca da divindade, assim como Dom Quixote partira em busca de uma concepção do amor e da beleza que não consegue encontrar em meio ao mundo que o rodeava<sup>6</sup>.

Uirá partira em busca de uma revelação não encontrada, tal como se vê nas palavras de Darcy, numa nota do final de setembro de 1951:

Eis o capítulo da tragédia que os poetas que trataram de Uirá desconhecem. Ele estava à procura de Maíra, vestiu seus adornos, trazia suas armas como emblemas que permitiriam ao deus Maíra reconhecê-lo como seu neto e abrigá-lo em seu paraíso, onde estava o filho morto. Isso explica a determinação de Uirá em caminhar sempre à frente e seu desespero diante dos *karáiwás*, que queriam impedi-lo de ir ao encontro do criador, de Deus. (...)

<sup>4</sup> A interpretação idealista de Cervantes parece aqui a mais interessante diante da escrita autobiográfica de Darcy Ribeiro, dentro de uma tradição que remonta ao Romantismo alemão. Nesta linha de interpretação está a obra publicada originalmente em 1905, de Miguel de Unamuno: *Vida de Don Quijote y Sancho*. Madrid: Alianza, 2002.

<sup>5</sup> Um dos principais resultados da estadia de Darcy Ribeiro entre os kaapor é a coleção de arte plumária que o etnólogo organiza com a sua esposa Berta G. Ribeiro, e que dá origem ao livro *Arte plumária dos índios kaapor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

<sup>6</sup> Darcy Ribeiro publicou também um ensaio etnológico intitulado: *Uirá sai à procura de Deus*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

Antigamente, eram comuns essas viagens em busca do Paraíso Perdido. Quando um homem perdia parentes queridos e sofria muito com sua morte, organizava um grupo com outros homens dispostos, também desesperados, e iam ao encontro de Maíra, adornados e prontos para enfrentar qualquer obstáculo que os impedisse de prosseguir (RIBEIRO, 1996, p. 455-456).

Ao comparar o relato de Darcy com a ficção de Cervantes, é intrigante pensar na possível identidade, tanto no romance como no relato etnográfico, entre seus respectivos autores e o destino trágico dos heróis que eles apresentam, assim como não é possível esquecer a dimensão cômica de ambas narrativas.

No que se refere aos *Diários Índios*, é difícil não pensar no antropólogo embrenhado na mata como um buscador desse mistério que se compara com o chefe irado que parte em busca de Tupã e encontra a morte, afogando-se no rio Pindaré em meio às visões de seus antepassados e suas frustradas expectativas em relação ao Brasil que descobrira.

Assim como a fábula de Dom Quixote pode ser confundida com a biografia de Cervantes, o relato da tragédia de Uirá é matéria que se funde com a experiência de Darcy na mata, guardadas as devidas distâncias. A loucura quixotesca de ambas as narrações reside no tentar dar um sentido unívoco a uma experiência que foge de qualquer restrição. A lógica do Cavaleiro Andante desaparece diante da lógica do narrador ou do mundo que o circunda, assim como a lógica dos indígenas nunca é captada em sua totalidade objetiva pelo etnólogo, que por sua vez se vê afastado da sociedade ocidental.

No caso estudado, o romance e o relato etnográfico ou autobiográfico são apenas prismas distintos por onde a experiência se esvai.

### **Mundo mundo, vasto mundo**

Ao começar este apartado final mencionando os versos de Drummond citados por Darcy em sua viagem pela mata, é preciso dizer que a ideia de relacionar o seu relato com o *Dom Quixote* passa por uma aproximação dos dois textos e não, logicamente, pela identificação total das estratégias narrativas que cada um assume.

Há diferenças de espaço e tempo que não se salvam, apesar de que é possível ver sim um paralelo nessas duas buscas de um *eu* que se projeta em busca de um mundo idílico, irreal e inacessível. Contudo, identificar por completo o relato etnográfico com a narração novelesca seria só uma rima, não uma solução.

Feita essa observação, não é descabido lembrar a intensa troca que acontece, no estágio atual dos estudos literários, entre teoria da história e teoria da literatura, num frutífero diálogo interdisciplinar

que se deixa ver especialmente naqueles estudos que estabelecem relações entre a ficção e a autobiografia<sup>7</sup>, ou entre o romance<sup>8</sup> e os discursos que tomam a história<sup>9</sup> como referência (incluindo aí tanto os escritos autobiográficos como os biográficos, tanto os discursos historiográficos marginais como os da macro-história ou os da chamada história oficial).

Ao tratar dos *Diários Índios*, o que se buscou nessas páginas foi ampliar as possibilidades de leitura do mesmo, retirando-o do rol de um estrito diário de campo para apresentá-lo como uma aventura autobiográfica, uma aventura que por vezes assume formas que podem lembrar ou assumir determinadas estratégias próximas daquelas típicas da ficção novelesca. Darcy, a exemplo do que havia feito Cervantes, mas não exatamente do mesmo modo, também põe em funcionamento a sua máquina de rir, que ao final de seu relato apresenta a faceta catastrófica da experiência de um dos capitães kaapor.

O que é difícil de negar, nessa aproximação dos *Diários Índios* à fábula cervantina, é a dimensão utópica que pode conciliar a ambas, e que está muito bem representada no pensamento social de Darcy Ribeiro, terminando por refletir na sua escrita ao longo das memórias de suas expedições pelo Maranhão e pelo Pará.

O presente texto não é nada mais que uma homenagem ao fundador da Universidade de Brasília, outra peça na engrenagem sonhada por um homem de ação que buscou encontrar um Brasil desconhecido e construir um mundo novo. Que essa homenagem não seja pequena demais diante da grandeza de seus propósitos.

### Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *La poétique de Dostoievski*. Paris: Seuil, 1970.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre Nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Madri: RAE/AALE, 2004. Ed. Francisco Rico.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

<sup>7</sup> Para uma teoria da autobiografia, uma referência básica é a obra de Philippe Lejeune: *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

<sup>8</sup> Desde a teoria do romance, mas com implicações quanto à filosofia da linguagem, pode-se citar o clássico estudo de Mikhail Bakhtin: *La poétique de Dostoievski*. Paris: Seuil, 1970. Trad. de Isabelle Kolitcheff. Ver o capítulo V, em que se trata dos diversos tipos de palavra nos romances de Dostoiévski.

<sup>9</sup> Na perspectiva de uma teoria da história pode-se mencionar a obra de Hayden White: *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EdUSP, 1992.

PARÍS, Carlos. *Fantasia y razón moderna. Don Quijote, Odiseo y Fausto*. Madri: Alianza, 2001.

RIBEIRO, Darcy. *Diários Índios: os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Máira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

\_\_\_\_\_. *Uirá sai à procura de Deus*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

UNAMUNO, Miguel de. *Vida de Don Quijote y Sancho*. Madrid: Alianza, 2002.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EdUSP, 1992.

Recebido em 22 de setembro de 2011

Aprovado em 15 de outubro de 2011